

Delfim dispensa aperto na política monetária

O ministro do Planejamento, Delfim Netto, e o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, afirmaram ontem que a necessidade do governo reduzir em 1,9% o saldo da base monetária (emissão primária de moeda) em março, para cumprir as metas de expansão trimestral da moeda acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), não implicará mais arrocho na política monetária. Pastore utilizou argumentos contraditórios para garantir que, este mês, o Banco do Brasil poderá até injetar Cr\$ 105 bilhões de recursos novos na economia, ao contrário de janeiro e fevereiro, quando os cortes acumulados nas aplicações do banco somaram Cr\$ 187,2 bilhões.

“O Banco do Brasil está rigorosamente dentro dos tetos do orçamento monetário. Em fevereiro, o Banco do Brasil compensou o desvio nos empréstimos de janeiro e voltará a expandir suas aplicações em março, conforme o limite estabelecido pelo orçamento monetário” — disse o presidente do Banco Central, após encontro com Delfim e os ministros da Fazenda, Ernane Galvêas, e da Agricultura, Nestor Jost.

Apesar da promessa de Pastore de que o Banco do Brasil poderá emprestar recursos novos em março, a sua outra afirmativa de que o banco

está e ficará dentro dos tetos do orçamento monetário, ao longo deste trimestre, não encontra qualquer respaldo nos números de acompanhamento da política monetária, divulgados pelo próprio Banco Central.

As metas do orçamento monetário aceitas pelo FMI indicam que, neste trimestre, o Banco do Brasil deveria reduzir em Cr\$ 266,5 bilhões o saldo de empréstimos globais de Cr\$ 6,94 trilhões existente ao final de 1982. Como em janeiro e fevereiro o banco só acumulou redução de Cr\$ 187,2 bilhões, contra a projeção de corte de Cr\$ 371,5 bilhões no orçamento monetário, ficaria obrigado a cortar mais Cr\$ 79,3 bilhões em março, além de abrir mão do crescimento líquido projetado de Cr\$ 105 bilhões. Assim, se prevalecer simplesmente a palavra de Pastore, o Banco do Brasil terá dinheiro novo para emprestar. Caso prevaleça o orçamento monetário, o Banco do Brasil vai emprestar ainda menos em março.

Indagado sobre as novas prioridades da política econômica, após o alívio nas contas externas, Delfim respondeu laconicamente e às pressas: “Baixar a inflação no menor tempo possível”. Já Jost afirmou ontem que, por enquanto, a agricultura não enfrenta problemas de recursos.